

OS COLETIVOS CULTURAIS PERIFÉRICOS E SEUS SENTIDOS DE VIDA DIANTE DOS SIGNIFICADOS DE MORTE: UM ESTUDO NOS BAIRROS JARDIM ÂNGELA E CIDADE TIRADENTES

Julia Santos Rocha* e Prof Dr. Odair Furtado**

*Psicologia

** Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde - FACHS / Departamento de Psicologia Social

e-mails: jusantosr340@gmail.com e odairfurtado@pucsp.br

Resumo: Essa pesquisa intitulada “Os coletivos culturais periféricos e seus sentidos de vida diante dos significados de morte: um estudo nos bairros Jardim Ângela e Cidade Tiradentes”, teve como objetivo identificar coletivos culturais, suas expressões artísticas e manifestações políticas nos bairros do Jardim Ângela e Cidade Tiradentes, respectivamente localizados na zonas sul e leste da cidade de São Paulo. A investigação foi resultado da experiência de Iniciação Científica que complementou uma pesquisa de mestrado no programa de pós-graduação em psicologia social da PUC-SP, que discute os coletivos culturais como produtores de vida em territórios periféricos predominantemente habitados por pessoas negras que apresentam indicadores de expectativa de vida até 20 anos inferior se comparados à bairros considerados mais ricos e habitados majoritariamente por pessoa brancas. Com isso, o presente estudo acompanhou uma entrevista de um líder comunitário no Jardim Ângela, como também a 29ª Caminhada pela Vida e pela Paz que ocorreu no bairro, ambos exemplos de expressão singular e manifestação coletiva por reivindicação pelo direito à vida. Também realizou um mapeamento de coletivos culturais, se aprofundando no cinema produzido na periferia, como uma das expressões de cultura que produzem significados de vida nesses territórios marginalizados. O materialismo histórico e dialético é o referencial teórico e metodológico que fundamenta essa produção no campo da psicologia social, que orientou uma pesquisa qualitativa utilizando de procedimentos como revisão bibliográfica, anotações em diário de campo, entrevista aberta e a leitura sistemática desses registros, para analisar os processos coletivos de cultura na periferia de São Paulo.

Palavras-chave: Coletivos culturais. Periferia. Morte. Dimensão subjetiva. Cinema.

Classificação das áreas de conhecimento

7.00.00.00-0 Ciências Humanas

7.07.00.00-1 Psicologia

7.07.05.00-3 - Psicologia Social

Introdução

A produção dos chamados territórios periféricos no Brasil, enraizadas em lógicas coloniais e de exclusão das populações negras e das classes operárias, foram objetivadas a partir de distribuições desiguais de terras desde a Lei de Terras em 1850 [1], de políticas de eugenistas de embranquecimento, essas desigualdades do espaço refletem lógicas racistas, essas são entendidas como uma vertente ideológica do capitalismo [2].

O desenvolvimento industrial em São Paulo, a partir dos anos 1940, gerou grandes migrações internas de trabalhadores pretos e pardos, que, deslocados dos centros urbanos a partir de lógicas excludentes higienistas e que culpabilizavam essas populações pela disseminação de doenças, formaram os chamados territórios negros [3] em cortiços, quilombos e irmandades. A autoconstrução e a pressão por serviços públicos foram padrões de formação desses territórios, simbolizando a desigualdade sócio-espacial vivida nas periferias.

A desigualdade no espaço reflete lógicas racistas, com o racismo sendo considerado uma vertente ideológica do capitalismo. As regiões de Jardim Ângela e Cidade Tiradentes, na zona sul e leste de São Paulo, exemplificam esse processo de periferização. Nesses bairros, fundados por trabalhadores migrantes a partir da autoconstrução, surgiram associações de moradores e movimentos sociais reivindicando direitos e proteção social, evidenciando a luta por reconhecimento e políticas públicas.

A presença dos movimentos sociais nas periferias permitiu a construção de coletivos culturais. Nos anos 1980, o movimento hip-hop foi porta-voz de denúncias sobre a violência nas comunidades e os efeitos da desigualdade social nas subjetividades. O cenário da produção cultural nas periferias foi transformado e as iniciativas comunitárias permitiram que, a partir dos anos 2000, realizadores do audiovisual tivessem como inspiração o hip-hop para a realização de experimentações com a linguagem audiovisual [4], como o cine-sample, técnica utilizada no cinema de Lincoln Péricles que buscou adaptar técnicas musicais de sampleamento digital para a montagem que une o compromisso com a articulação política, em vez de focar na poética ou lírica, na construção de uma estética de ruídos visuais e sonoros para abordar os desafios dos trabalhadores frente à desigualdade social, propondo um cinema engajado que confronte as lógicas de opressão [5].

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa foi a identificação e definição do perfil dos grupos culturais em atividade no Jardim Ângela e Cidade Tiradentes, distritos da cidade de São Paulo. Considerando a dimensão política e simbólica que esses coletivos têm na representação da periferia. Tem como objetivos específicos a coleta de dados quantitativos e qualitativos sobre os coletivos culturais audiovisuais nesses territórios, a participação em atividades de campo e a realização de entrevistas, assim como a produção de análises a partir das experiências em campo nos bairros estudados. A pesquisa investiga as relações de sentido entre esses coletivos e as suas vivências em relação à violência.

Metodologia

A pesquisa tem como referencial teórico-metodológico a psicologia sócio-histórica, modelo de investigação que compreende o sujeito como ativo na produção de sua realidade e o reposiciona como o sujeito histórico em sua dimensão subjetiva [6]. Com uma perspectiva dialética do movimento da realidade em suas contradições e a partir delas, reafirma a dimensão subjetiva da realidade como objeto. A delimitação dos instrumentos para a pesquisa considerou a posição política e teórica que considera as relações entre pesquisador e pesquisados, e procura superar as assimetrias e desigualdades de poder na realização da pesquisa: “No tocante às técnicas de pesquisa, estas devem estar adequadas ao objeto: é a lei de ouro. Não conheço outra.” [7].

Para a coleta de dados qualitativos dos coletivos culturais nas regiões pesquisadas, foram utilizados instrumentos como o auxílio na realização de entrevistas abertas com uma liderança comunitária, a observação-participante na 29ª Caminhada Pela Vida e pela Paz e no 4º Fórum SPCine, a partir das conversações [8], com registro em diários de campo. As entrevistas foram acompanhadas de forma a complementar a dissertação de mestrado da pesquisadora Beatriz Assis, foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP, tendo sido aprovado pelo parecer n. 7.288.086 (CAAE: 82780724.9.0000.5482).

Foram feitas buscas por dados quantitativos dos coletivos em bases de dados como: as plataformas GeoSampa, Mapas de Cultura e Pontos de Cultura, relatórios de projetos como o Reconexão Periferias, o podcast Cinema Periférico até o fim dos Tempos, assim como a divulgação nas redes sociais feita pelos próprios coletivos. A análise de

resultados dos dados quantitativos foi feita à luz da compreensão e identificação da dimensão subjetiva presente na formação dos coletivos, nos sentidos construídos pelos entrevistados na medida em que essa dimensão subjetiva compõe os registros simbólicos no campo coletivo, construídos a partir das relações humanas que se objetivam em significados e discursos. A compreensão das relações do pesquisador com o tema da pesquisa, assim como os desdobramentos que expandem a proposta da investigação, foi entendida a partir da noção de campo-tema [9].

Resultados

Os resultados incluem um mapeamento de coletivos culturais nos bairros estudados, e de coletivos de cinema e audiovisual nas periferias da cidade de São Paulo. Foram identificados 34 coletivos de cinema (ver tabela 1), com presença significativa no Jardim Ângela (2) e Cidade Tiradentes (5).

Tabela 1 - Distribuição dos coletivos audiovisuais por regiões e distritos da cidade de São Paulo

Região	Quantidade de Coletivos	Quantidade de Coletivos por Distrito	
Zona Sul	11*	Jd. Ângela	2
		Jd. São Luís	4
		Capão Redondo	1
		Sacomã	2
		Grajaú	1
		Jabaquara	1
Zona Leste	12	Cidade Tiradentes	5
		Itaquera	2
		Guaianases	1
		Ermelino Matarazzo	2
		Sapopemba	2

Zona Norte	9**	Brasilândia	3
		Perus	2
		Outros	4
Zona Oeste	1	Butantã	
Outros	1	Itinerante	

* Foram agrupadas as zonas sul e sudoeste **Foram agrupadas as zonas norte e noroeste

Essa presença expressiva, no entanto, não é acompanhada de maior acesso à recursos financeiros para os projetos dos coletivos ou de equipamentos culturais e políticas públicas que viabilizem suas atividades. Como revelado pelo primeiro levantamento, foram encontrados apenas 4 equipamentos culturais públicos no território do Jardim Ângela e 6 no distrito Cidade Tiradentes.

A partir de entrevistas com lideranças comunitárias e da participação na 29ª Caminhada pela Vida e pela Paz, no Jardim Ângela, e no fórum, a pesquisa também analisou as experiências em relação aos sentidos da produção de vida, de memória coletiva e a vivência com a morte, diante dos espaços de violência. Destaca-se, para os pesquisados, a importância da luta política para a implementação e acesso às políticas públicas, da construção da memória coletiva e da resistência diante das violências e opressões de classe e raça e desigualdades vividas de forma institucional e intersubjetiva, enfatizando posicionamentos de resistência em continuar vivo e superar as desigualdades “Já tinha ficado vivo né, então já era um grande avanço, aí conseguir fazer faculdade era mais outro” (Entrevistado, 2024).

Discussão

Os resultados dessa pesquisa indicaram a urgência de ampliação das políticas públicas no setor cultural, de fomento aos projetos que permitem aos coletivos independentes e comunitários a garantia ao direito cultural nos territórios. As dificuldades enfrentadas durante a pesquisa de dados quantitativos nas bases de dados e plataformas oficiais revelaram a importância de iniciativas de mapeamento participativas, que envolvem a presença de moradores dos bairros. Nos espaços de

reivindicação dos movimentos sociais, tanto a caminhada no Jardim Ângela que teve como temática a memória e proteção do território diante do feminicídio e violências de gênero, quanto nas falas dos realizadores de cinema no fórum, famílias encontram a possibilidade de simbolizar seu luto e reivindicar a memória daquelas pessoas que tiveram suas vidas interrompidas pelo feminicídio. Os jovens cineastas relatam as vivências com os cinemas coletivos como uma construção de uma “memória inventada, já que não existe preservação”. Nesse sentido, manifestam suas demandas de garantia dos direitos humanos e de justiça diante das políticas de morte.

Conclusão

A pesquisa também revelou que as atividades dos coletivos culturais produzem novas relações para os moradores dos territórios periféricos pesquisados sobre a reconstrução de memória, a partir de uma perspectiva de luta contra a lógica colonial de preservação e institucionalização do patrimônio imaterial, assim como a valorização de experiências comunitárias e coletivas de registro de suas produções. As experiências de coletividade contribuíram na formação de populações que lutam pela garantia dos direitos humanos e contra a morte determinada socialmente [10] dos povos pretos e pobres, tanto em sua dimensão material quanto simbólica.

Agência de Fomento

Agradeço ao CNPQ por viabilizar a realização dessa pesquisa (PIBIC Sem Fomento). À Beatriz Assis por apresentar a temática de pesquisa e acompanhar com cuidado os seus desdobramentos. Ao Prof. Odair Furtado e seu grupo de pesquisa NUTAS.

Referências

- [1] ADÃO, Claudia Rosalina. Territórios de morte: homicídio, raça e vulnerabilidade social na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Mudança Social e Participação Política. Universidade de São Paulo. 2017.
- [2] MOURA, Clóvis. O racismo como arma ideológica de dominação I. **Lutas Sociais**, v. 27, n. 50, p. 61-73, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/download/69808/46835/230866>. Acessado em: 14/11/2024
- [3] ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, v. 17, p. 1-17, 1989. Disponível em : <https://urbandatabrasil.fflch.usp.br/producoes-em-periodicos-cientificos/territorios-negros-nas-cidades-brasileiras-eticidade-e-cidade>. Acessado em: 20/11/2024

- [4] ZANETTI, Daniela. O cinema da periferia: Narrativas do cotidiano, visibilidade e reconhecimento social. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2010.
- [5] SILVINO, Ana Júlia. O cine-sample de Lincoln Péricles. **Revista Cinética**. 2021. Disponível em: <http://revistacinetica.com.br/nova/lincoln-pericles-anajuliasilvino-2021/>. Acessado em: 06/05/2025
- [6] BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. Subjetividade: O sujeito e a Dimensão Subjetiva dos fatos. Em: Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia, p. 109-125. São Paulo, 2005
- [7] Bosi, Eclea. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. Ateliê Editorial, p.55. São Paulo, SP. 2003
- [8] GONZÁLEZ-REY, Fernando A. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. Pioneira Thomson Learning, São Paulo. 2005.
- [9] SPINK, Peter Kelvin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, 70-77. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/6Sc7z55mBgkxxHPjrDvJHXJ/>. Acessado em: 10/10/2024
- [10] COSTA, Pedro Henrique Antunes; MENDES, Kíssila Teixeira. A morte como força produtiva do capitalismo brasileiro. **Revista Fim do mundo** n° 4, Jan/Abr, Marília, SP. 2021 Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RFM/article/view/10991..> Acessado em: 06/11/2024